

ELEIÇÕES

Edinho Silva é o novo presidente do PT

Ex-prefeito era o favorito na disputa pela legenda e venceu com 73,48% dos votos

» MAIARA MARINHO

O ex-prefeito de Araraquara (SP) Edinho Silva foi eleito, ontem, o novo presidente nacional do Partido dos Trabalhadores. A confirmação ocorreu na sede da agremiação, em Brasília, após a apuração dos votos de 342 mil filiados, que foram às urnas no domingo. O candidato apoiado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva reiterou seu objetivo de trabalhar pela reeleição do petista.

Apesar de ainda faltar a contabilização dos números da Bahia, Pernambuco, Pará, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o eleito obteve 73,48% do total. Segundo a sigla, os outros 58 mil votos ainda não apurados não alteram o resultado, pois Edinho liderou com folga. Em segundo lugar, ficou Rui Falcão, com 11,15%; seguido de Romênio Pereira (11,06%) e Valter Pomar (4,3%).

A vitória de Edinho Silva, que representa a corrente Construindo um Novo Brasil (CNB), era amplamente esperada. Segundo ele, a prioridade de seu mandato será a reeleição de Lula nas eleições presidenciais de 2026. “Nosso centro de atuação hoje é a construção da reeleição do presidente”, afirmou. Essa orientação direciona o esforço dos dirigentes do partido, incluindo as instâncias estaduais e municipais, na elaboração de estratégias para fortalecer a candidatura do petista em cada estado.

Uma das principais metas do novo presidente inclui a reformulação do programa do PT, prevista para ser debatida no próximo congresso da legenda. Outras pautas a serem discutidas são: o orçamento participativo, a segurança pública, a participação popular, o fim da jornada 6x1 e a participação em conselhos de educação, saúde, segurança pública e alimentação. “São pautas históricas do PT que precisam ser revitalizadas”, disse Edinho.

No seu primeiro pronunciamento como presidente do diretório nacional, Edinho Silva também criticou o presidente dos Estados

Roberto Sturckert Filho



Humberto Costa, presidente interino do PT, e Edinho Silva, novo dirigente nacional do partido

Unidos, Donald Trump, em relação às mudanças do clima. “Ele foi a público dizer que não tem urgência climática, ele defende uma forma de produção de riqueza que continue degradando (o meio ambiente). Nós acreditamos na urgência climática, acreditamos no modo de produção de riqueza que não degrade o meio ambiente”, comentou.

Momento de reflexão

Além da preocupação com o cenário global, o presidente do PT sinalizou que pretende refletir sobre os rumos do partido diante das adversidades políticas, especialmente na relação entre Lula e o Congresso Nacional.

“O governo reagiu diante de uma derrota que foi imposta ao governo num projeto que estava sendo debatido. Eu penso que o governo não tinha outra saída, a não ser debater com a sociedade os

objetivos do projeto que ele apresenta. Não tem nada de novo nas posições do governo. O que teve foi de o governo ir para a sociedade defender as suas propostas, a sua concepção diante de uma derrota que foi imposta a ele pelo Congresso Nacional”, afirmou.

Para Edinho, há crescente influência de ideias fascistas no cenário político do país. Como estratégia, disse que viajará pelo Brasil para dialogar com dirigentes estaduais, municipais e movimentos sociais que apoiem a construção de um país mais inclusivo, além de apoiar o debate liderado por Lula na Justiça tributária.

Em um gesto de reconhecimento da gestão de Gleisi Hoffmann, que ficou à frente do partido por oito anos, ele elogiou o trabalho da parlamentar como ministra da Secretaria de Relações Institucionais. Ele lembrou que a petista enfrentou momentos difíceis, como

os desdobramentos da Operação Lava-Jato que culminaram na prisão de Lula, em 2018.

“A Gleisi Hoffmann, na minha avaliação, foi a maior dirigente da história do PT. Ela dirigiu o PT no pior momento da nossa história. Ela coordenou uma direção que soube enfrentar esse momento difícil. E o PT é uma construção coletiva. O PT não é uma construção individual. Então, eu penso que eu tenho o meu estilo, mas a essência da política é a essência da política do PT”, declarou.

O novo presidente do PT teve quatro mandatos na prefeitura de Araraquara, um município da região central de São Paulo com pouco mais de 242 mil habitantes. Ele ocupou o cargo entre 2001 e 2008 e retornou em 2017, ficando até 2024. Na gestão dele, a cidade foi a primeira do Brasil a adotar o lockdown, em 2021, durante a pandemia de covid-19.

Justiça derruba liminar de candidata

Kayo Magalhães/CB/D.A Press

Em Minas Gerais, a eleição para o novo presidente do diretório estadual do Partido dos Trabalhadores foi adiada para domingo. A deputada federal Dandara Tonantzin, candidata à presidência da sigla, teve sua candidatura impugnada por decisão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). O diretório nacional do partido recorreu na Justiça contra a candidatura alegando inadimplência com contribuições partidárias.

Dandara alegou que houve falha no sistema bancário, mas que o pagamento havia sido feito. A primeira decisão, de 5 de julho, foi favorável à candidata, que participou do pleito no estado. No entanto, o segundo entendimento da Justiça manteve o indeferimento da candidatura como solicitado pelo PT.

Na primeira decisão da Justiça, o PT havia anunciado o adiamento do dia da votação, pois, segundo a sigla, seria impossível inserir o nome dela nas cédulas já produzidas.



Deputada recorreu após ser impedida de concorrer pela sigla

A eleição foi realizada por meio do voto impresso.

“O adiamento cumpre decisão judicial de garantir igualdade de

condições aos candidatos, sem prejuízo da defesa do Diretório Nacional no processo em referência que demonstrará a plena regularidade

de todas as decisões tomadas pelas instâncias internas do partido”, disse a legenda na ocasião.

O presidente interino do partido, senador Humberto Costa, afirmou que não haverá nenhuma mudança em termos de composição das chapas que vão disputar a eleição em Minas. “Nós não poderíamos dar um tratamento diferenciado a um militante, por mais importante e relevante que seja para o PT. A Justiça nos deu ganho de causa. No domingo, a nossa expectativa é fazer o pleito eleitoral de Minas Gerais e eu tenho certeza de que nós vamos produzir um acordo político que faça com que tudo aconteça em paz”, disse.

Dandara Tonantzin, do grupo Resistência Socialista, tinha o apoio, inclusive, de petistas ilustres, como o deputado Reginaldo Lopes, que gravou um vídeo falando que a apoiaria. O grupo que apoiou a parlamentar acusou a tesozeira nacional do PT, Gleide, de agir para que a deputada não se candidatasse. (MM)

AMEAÇAS

Erika Hilton se reúne com diretor da PF

Após uma série de ataques nas redes sociais, incluindo uma onda de ameaças de morte, a deputada federal Erika Hilton (PSol-SP) irá se reunir nos próximos dias com o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues. Especialistas em segurança digital detectaram o vazamento de informações pessoais sensíveis da deputada, obtidas a

partir de uma possível invasão aos sistemas da Receita Federal.

Segundo a assessoria da parlamentar, os dados circularam em fóruns on-line conhecidos por “abrigar atividades criminosas, como a apologia ao nazismo e a distribuição de pornografia infantil”. A deputada, que já registrou as ameaças e vazamentos e encaminhou-as à

Polícia Federal, deve se reunir com a direção do órgão e com o Ministério da Justiça nos próximos dias.

No ofício enviado ao diretor da PF, Erika Hilton solicita a abertura de inquérito, medidas de proteção e um canal direto de interação com as autoridades, já que os ataques não são apenas ofensas pessoais. “Trata-se

de um atentado à integridade física, psíquica e moral, além de uma tentativa de impedir o livre exercício da atividade parlamentar”, diz o documento.

A deputada está sofrendo uma série de ataques nas redes sociais, classificados como coordenados, que atingem ela e sua família. (Agência Estado)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Na reunião do Brics, Lula reage à interferência indevida de Trump

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva rebateu, ontem, a declaração feita pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em prol do ex-presidente Jair Bolsonaro. O petista disse que “a defesa da democracia no Brasil é um tema que compete aos brasileiros. Somos um país soberano. Não aceitamos interferência ou tutela de quem quer que seja. Possuímos instituições sólidas e independentes. Ninguém está acima da lei. Sobretudo, os que atentam contra a liberdade e o Estado de Direito”.

Trump havia publicado um texto em defesa de Bolsonaro no final da manhã. Segundo ele, o ex-presidente brasileiro e seus parentes sofrem uma “caça às bruxas”. Para o norte-americano, ele “não é culpado de nada”. Disse: “O único julgamento que deveria estar acontecendo é o julgamento pelos eleitores do Brasil – chama-se eleição. Deixem o Bolsonaro em paz!”. De pronto, o ex-chefe do Executivo agradeceu o apoio.

O comentário de Trump é resultado do trabalho de convencimento que vem sendo realizado pelo deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). O filho do ex-presidente está morando nos EUA e articula ações do governo trumpista e de parlamentares contra o governo brasileiro e o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, relator do processo no qual o ex-presidente e aliados são réus, acusados de liderarem a tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023.

Donald Trump meteu a colher na política brasileira e ameaçou aumentar as tarifas para os países integrantes do Brics, cuja reunião se realizou no Rio de Janeiro, sob a presidência de Lula. “Eu não acho uma coisa muito responsável e séria um presidente da República de um país do tamanho dos EUA ficar ameaçando o mundo através da internet. Não é correto. Ele precisa saber que o mundo mudou. Não queremos imperador”, disse, após o encerramento da reunião da cúpula.

“Somos países soberanos. Se ele achar que ele pode taxar, os países têm o direito de taxar também. Existe a lei da reciprocidade. As pessoas precisam aprender que respeito é muito bom. A gente gosta de dar e gosta de receber, e é preciso que as pessoas leiam o significado da palavra soberania. Cada país é dono do seu nariz”, disse o petista. O presidente brasileiro havia proposto a adoção de uma moeda alternativa ao dólar nas transações entre seus integrantes.

Por trás da troca de declarações, há dois aspectos a se considerar: um é o lugar do Brasil no mundo, hoje politicamente mais próximo aos países do chamado Sul Austral do que dos Estados Unidos, o que não se sustenta historicamente; o outro, é a interferência direta da Casa Branca na política interna brasileira, o que não é novidade nas relações do Brasil com os EUA. Num país dividido e radicalizado ideologicamente, essa interferência pode ser muito mais eficaz.

EUA versus China

Desde novembro de 2024, Trump ameaça os países do Brics com aumentos de tarifas caso optem por outras moedas em vez do dólar nas suas transações comerciais. A reunião do Rio de Janeiro não contou com a presença do presidente da Rússia, Vladimir Putin, nem do presidente da China, Xi Jinping. Por essa razão, foi considerada esvaziada.

Além do Brasil, reúne China, Índia e Rússia. A África do Sul foi o quinto país a ingressar, em 2011. Ano passado, mais cinco nações aderiram ao bloco: Irã, Egito, Emirados Árabes, Etiópia e Arábia Saudita. Ainda em processo de confirmação, a Arábia Saudita tem participado das reuniões do bloco. Jogando parado, o Brics representa 40% da população mundial, 37% do PIB global, 26% do comércio mundial, 44% das reservas de petróleo, 53% das reservas de gás natural do planeta, 72% das terras raras e produzem 43% do óleo, 35% do gás e 70% da produção de carvão mineral do mundo.

O acrônimo Bric criado pelo economista Jim O’Neill, em 2001, ao apontar promissores mercados emergentes no início do milênio, mas não foi pensado como um grupo político. É aí que está o problema do grupo: seus integrantes têm muitos interesses econômicos em comum, porém, não formam um bloco político homogêneo. Índia, Emirados Árabes e Arábia Saudita, por exemplo, são aliados incondicionais dos Estados Unidos. Rússia e Irã, da China são potências nucleares. Isso explica as ambiguidades das declarações conjuntas.

A participação do Brasil no Brics é um dos eixos de sustentação da política externa brasileira, ao lado das relações com a Europa e a América Latina. Culturalmente, os laços dos brasileiros com os Estados Unidos são muito fortes, tanto na cultura como nos padrões de comportamento. O “americanismo” foi o principal vetor de desenvolvimento do país desde a 2ª Guerra Mundial.

Somos um país do Ocidente, porém, com a globalização, nossa vocação natural de produtor de commodities de minérios e alimentos fez da China nosso principal parceiro comercial. Essa aproximação é inevitável e atrai grandes investimentos em logística, pois somos um país atlântico cujo comércio se voltou para o Pacífico. Essa contradição, com a volta de Trump ao poder, se tornou um fator de tensão com a Casa Branca, até porque o presidente norte-americano e Bolsonaro são aliados de natureza ideológica. Sua interferência na política interna brasileira está escrita nas estrelas.